

CENTRALE BANK VAN SURINAME
TIEN GULDEN
10
5 Gulden
SURINAME
IJSVOGEL ALCEDO ATTHIS ISPIDA
SURINAME
5
10000
واحد جنيه
ONE PESO
PAYABLE TO THE BEARER ON DEMAND
IN SILVER PESOS OR IN LEGAL TENDER
CURRENCY OF THE UNITED STATES
OF EQUIVALENT VALUE
LZ1776871
10
LZ1776871
BANCO CENTRAL DE NICARAGUA
18178898
1
UN CORDOBA
18178898
BANCO CENTRAL DA GUINÉ-BISSAU
100
BA225541
CEM PESOS

A MORTE DO DINHEIRO – 2

Roberto Elias Costa

No artigo "A Morte do Dinheiro", gentilmente publicado pela A.P.M.P. em 2020, não foram abordados dois aspectos essenciais. Um deles é a questão da soberania. É que a emissão da moeda é atributo exclusivo da soberania. Somente o poder governante pode emitir moeda.



Esse monopólio é defendido ciosamente com unhas e dentes por todos os governos do mundo. Pois quem manda é quem controla os cofres públicos: governa quem tem o dinheiro e a caneta nas mãos. Emitir moeda sem autorização do governo é crime no mundo inteiro.



No Brasil, até a livre emissão de títulos ao portador é proibida, veja-se a sanção do artigo 907 do Código Civil. Tente alguém emitir vales ao portador...

A cessão dessa prerrogativa a entes privados – os bancos centrais - constitui inequívoca entrega do poder. Benvindos ao governo - agora explícito - dos banqueiros.

Como o cartel financeiro não foi eleito pelo povo, o governo que surgirá do monopólio da moeda digital será tudo, menos democrático. Adeus, democracia representativa! Adeus, liberdades públicas! Apertem os cintos...



Nem se diga que essa digitalização da moeda seria apenas consequência natural do desenvolver da tecnologia. O normal seria que tal desenvolvimento ocorresse de forma diferenciada nos diferentes países do mundo, o que não se dá. Em todos os países, em todas as culturas, o mesmo padrão, o mesmo procedimento se repete invariavelmente, sem mudanças de fundo. Isso mostra a atuação conjunta do monopólio financeiro para o domínio global das economias.

Carta-moneta emessa dalle banche alla fine dell'Ottocento (New York, *Bank Money Museum*).



Seconda rivoluzione industriale. Con questa espressione si indicano i grandi fenomeni che hanno rapidamente modificato, quasi un secolo fa, l'aspetto del mondo. Come chiamiamo rivoluzione industriale quella da cui sono nate, alla fine del Settecento, l'industria moderna, le officine, le macchine, cosí chiamiamo *seconda rivoluzione* quella che ha avuto luogo negli ultimi decenni dell'Ottocento.

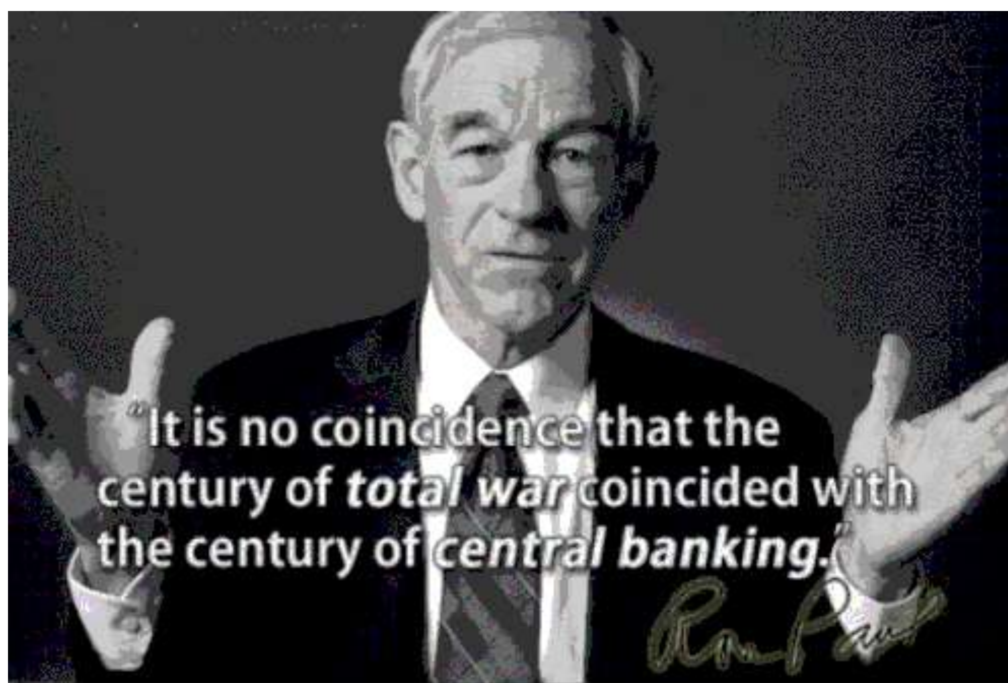
Quali sono i suoi aspetti piú tipici? Quelli stessi che abbiamo incontrato nella prima, ma enormemente accresciuti. Nella prima è la comparsa di un'energia artificiale, il vapore, e degli industriali, i quali si servono di tale energia per dar vita alle fabbriche; e insieme i primi tentativi degli operai per organizzarsi, difendersi nelle nuove condizioni di vita. Nella seconda la comparsa di due altre fonti di energia, quelle che ancor oggi muovono il mondo, il *petrolio* e l'*elettricità*; la nascita delle *coalizioni*, degli accordi tra gli industriali, che in tal modo divengono piú forti degli stati stessi, i veri padroni della politica, in un mondo che è ormai divenuto un enorme unico mercato che abbraccia tutti i continenti; l'*organizzazione* sempre piú forte e cosciente degli operai, che dànno dovunque vita ai loro *partiti*, e costringono i governi a riconoscerne l'esistenza.

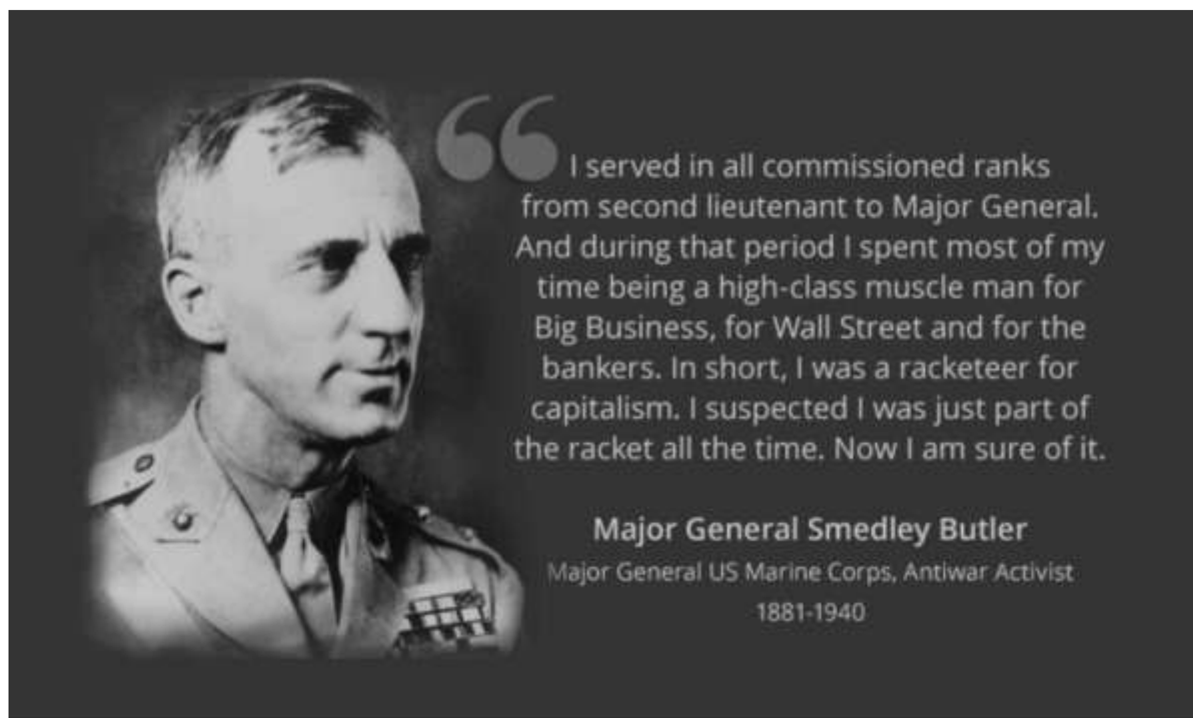
Tra questi aspetti quello che maggiormente colpisce è la coalizione delle industrie, l'accordo o la fusione tra piú società, le quali dànno origine a un *cartello* o *patto fiduciario* (*trust*) per dominare l'intero mercato mondiale di un prodotto, come le grandi compagnie petrolifere consociate, dalla *Shell* alla *Standard Oil*.

Accanto ai cartelli industriali è il *capitale puro*, l'alta finanza, le grandi banche autorizzate ad emettere carta-moneta, le quali permettono il sorgere delle industrie e dei cartelli, scelgono e indirizzano la produzione, finanziano i colpi di stato, impongono le conquiste coloniali: gigantesco motore di ogni altro motore esistente. I prestiti accordati agli stati che si trovano in condizioni economiche disagiate, con l'obbligo per essi di servirsi del denaro prestato per acquistare i prodotti delle industrie legate alla banca che ha concesso il prestito, è uno dei sistemi chiave del capitale per il dominio del mondo.

Scrive uno storico: « La banca interviene nel finanziamento delle industrie, dei commerci, dei trasporti, mediante la concessione di prestiti nazionali e di prestiti internazionali ... Un numero limitato di giganteschi complessi finanziari si divide il dominio del mondo ... La potenza dei gruppi finanziari è tale da contrastare o determinare l'azione dei governi: il potere economico esige l'asservimento del potere politico, e lo ottiene. La borghesia finanziaria è cosciente della propria forza, e siede nei parlamenti, partecipa ai governi, sceglie la politica estera ».

Segundo um conhecido, trata-se de exemplo perfeito da aplicação da Teoria dos Pacotes, ensinada em cursos de Administração, inclusive de empresas. Não é coincidência o fato do século dos Bancos Centrais ser a época das Guerras Mundiais, como afirmam muitos pensadores e políticos importantes, como o senador norte-americano Ron Paul.





A outra questão omitida versa sobre **a destruição do capitalismo**, causada pelo fim do dinheiro vivo:

1- A destruição do dinheiro físico implicará na paralisação da vida econômica, impedindo a ascensão financeira das pessoas. Vale dizer, dificultará ou impedirá que as pessoas poupem dinheiro para progredir economicamente. Pois o capital necessário para a implantação de um negócio, seja qual for, nasce sempre de uma poupança pessoal.

Com as taxas negativas de juros remuneratórios decorrentes do dinheiro digital, as pessoas são desestimuladas de poupar. Para iniciar um negócio é necessário dinheiro vivo, diante da necessidade de gastos imprevistos, a serem pagos de imediato. O *cash*, assim, é um meio indispensável; no bom sentido, um verdadeiro lubrificante para a instalação de um negócio.

2- Em outras palavras, quem é pobre continua pobre, quem é classe média, continua classe média. Só os ricos é que ficarão mais ricos. Só aqueles que dispõem de um mínimo de capital é que conseguem ganhar dinheiro. Com o dinheiro digital, as desigualdades se acentuarão e se cristalizarão. A guerra ao *cash*, portanto, é uma guerra contra o capital.

3- Isso leva à terceira consequência**:** o capital — que, repita-se, normalmente começa como uma poupança individual — é o fundamento do capitalismo. Se você ataca a poupança como um mal, você está atacando o capitalismo e a mobilidade econômica, pois apenas aqueles que poupam capital podem investir para criar riqueza.

Aqueles que já possuem a maior parte dos meios de produção são capazes de tomar emprestado somas ilimitadas a taxas de juro quase negativas, que utilizam para comprar mais meios de produção. Eles serão – ou já são – uma elite financeira, uma verdadeira ***nomenklatura*.**

Todos os demais — os 99.5% por cento no fundo da escala econômica , ou seja, eu e você — são reduzidos à servidão do consumo: você não conseguirá poupar, e nem poderá acumular meios de capital produtivo: você terá que gastar cada centavo do que ganha para manter-se, pagar juros, bens e serviços.

E – coincidência - a implementação da moeda digital só será possível com a implantação de um documento de uso obrigatório, como o “passaporte vacinal” ...

Atacando o dinheiro físico, o cartel financeiro global, que já controla a indústria farmacêutica mundial, está atacando o capital e a capacidade de se subir na escala econômica. Na prática, causando o empobrecimento e proletarização da população. É a sutil implantação do comunismo via legislação.

Sem revoluções nem tiros, silenciosamente, pela bancarização da economia.

Infelizmente, esses fatos são confirmados pela realidade do nosso dia a dia.

Essa inversão do capitalismo sujeita a economia a todos os males que estamos experimentando em abundancia: crescente desigualdade salarial, redução das oportunidades de empreendimento, crescentes despesas com débitos, e uma perspectiva a curto prazo que impede o planejamento a longo prazo, essencial para criar uma produtividade sustentável e riqueza.

Essas conclusões não parecem exageradas: até o economista liberal **John Maynard Keynes** reconhece que destruir o dinheiro é destruir a sociedade:

> "Lenin estava certo. Não há meio mais sutil, mais seguro, de derrubar as bases de uma sociedade que desvalorizar sua moeda. O processo engaja todas as forças ocultas da economia no lado da destruição, e faz isso de uma maneira que nem um homem em um milhão é capaz de diagnosticar."

Economic Consequences of the Peace (New York, NY: Harcourt, Brace and Howe, 1920) p. 235.

Portanto, é de urgente interesse público lutar pela existência do dinheiro vivo, dinheiro físico: ele é essencial não só para nossas liberdades, mas até para nossa sobrevivência material.

*

* *

Roberto Elias Costa é Promotor de Justiça aposentado e Advogado sirehoufalize@yahoo.com.br